

Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA): adaptação e evidências de validade no Brasil

Mozer de Miranda Ramos ¹
Elder Cerqueira-Santos ¹

¹ Universidade Federal de Sergipe, SE, Brasil

Resumo

O presente estudo propõe-se a adaptar a Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA) para o contexto brasileiro. Para tanto, foi realizado um criterioso processo de adaptação e um *survey* (n=1123) com homens *gay*, bissexuais e homens que fazem sexo com homens, maiores de 18 anos e idade média de 26,85 anos (DP=8,51). A Análise Fatorial Exploratória aplicada sugeriu um novo modelo com menos itens (12) e com dois fatores, Rejeição Pública e Rejeição Íntima, juntos explicam 67,50% da variância, diferindo do modelo original (unifatorial e com 17 itens). Quanto à consistência interna, o primeiro fator obteve um alfa de Cronbach de 0,918 e o segundo 0,866. Esse novo modelo foi testado em uma Análise Fatorial Confirmatória e apresentou bons índices de ajuste em sua versão final. Os resultados sugerem que a ANA apresenta boa adaptação e adequadas propriedades psicométricas.

Palavras-chave: afeminação; homossexualidade; adaptação; análise fatorial.

Negative Attitudes Toward Effeminacy Scale (NATE): adaptation and evidence of validity in Brazil

Abstract

The present study proposes adapting the Negative Attitudes Toward Effeminacy Scale (NATE) to the Brazilian context. Therefore, a careful process of adaptation was carried out and a survey (n=1123) was conducted with gay men, bisexual men, and men who have sex with men, older than 18 years and mean age of 26.85 years (SD=8.51). An Exploratory Factor Analysis suggested a new model with less items (12) and with two factors, Intimate Rejection and Public Rejection, which together explain 67.50% of variance, differ from the original model (one-factor and 17 items). As for internal consistency, the first factor obtained a Cronbach alpha of 0.918 and the second 0.866. This new model was tested in a Confirmatory Factor Analysis and showed good adjustment indexes in its final version. The results suggest that NATE presents good adaptation and suitable psychometric properties.

Keywords: effeminacy; homosexuality; adaptation; factor analysis.

Escala de Actitudes Negativas sobre Afeminación (ANA): adaptación y evidencias de validez en Brasil

Resumen

El presente estudio se propone adaptar la Escala de Actitudes Negativas sobre Afeminación (ANA) para el contexto brasileño. Para tanto, se realizó un criterioso proceso de adaptación y un *survey* (n=1123) con hombres *gays*, bissexuales y hombres que tienen sexo con hombres, mayores de 18 años y edad media de 26,85 años (DP=8,51). Se realizó un análisis factorial exploratorio que sugirió un nuevo modelo con menos elementos (12) y con dos factores, rechazo público y rechazo íntimo, que juntos explican el 67,50% de la varianza, diferenciándose del modelo original (unifatorial y con 17 ítems). En cuanto a la consistencia interna, el primer factor obtuvo un alfa Cronbach de 0,918 y el segundo 0,866. Este nuevo modelo fue probado en un Análisis Factorial Confirmatorio y presentó buenos índices de ajuste en su versión final. Los resultados sugieren que la ANA presenta buena adaptación y adecuadas propiedades psicométricas.

Palabras clave: afeminación; homossexualidad; adaptación; análisis factorial.

LGBTQT, a sigla referente a lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis, transexuais e *queers*, é uma tentativa política de unir minorias distintas com causas comuns e produzir uma força social e política de maior impacto. Entretanto, nem todos os indivíduos dentro dessa sigla desfrutam das mesmas atenções, acessos e direitos. Na comunidade *gay*, mais especificamente, há processos hierárquicos que sustentam assimetrias, violências e desigualdades entre os homens *gays*. Tais processos hierárquicos parecem, em parte, reproduzir as hierarquias mais amplas a que LGBTQTs estão submetidos, porém apresentam suas especificidades e exigem um olhar mais aprofundado a fim de compreender como se estabelecem esses processos (Cerqueira-Santos, Silva, Rodrigues, & Santos, 2016; Figueiredo, 2016; Sampaio, 2016).

À medida que “atividade” e “passividade” são digeridos pela comunidade (isso não significa que tenham deixado de ser marcadores importantes de *status* ou mesmo de desejabilidade sexual, todavia, acabaram por ser incorporados como particularidades culturais do grupo) e o *gay* passivo começa a desassociar culturalmente a extensão feminilidade-passividade, uma das grandes responsáveis pela estigmatização desses homens *gays*, já que se está inserido em um macrossistema que opera fundado nos discursos do machismo, outras estruturas hierárquicas emergem, mais sólidas e delimitadas, possivelmente como reação (Braga, 2015; Fry, 1982). Ser um *gay* masculinizado ou afeminado é algo que move grande capital simbólico no século XXI. Autores como Lopes (2017) evidenciam que, após a epidemia de HIV dos anos 1980, essa divisão ganhou ainda mais força nas Américas, por conta do aumento do estigma do grupo. Afeminação é a característica de aparentar ou se comportar de modos que representam a ideia geral de feminilidade. Afeminado é o sujeito que possui afeminação para além dos ditames convencionalmente entendidos como normais.

Caso se queira, de algum modo, posicionar os homens *gays* em uma representação gráfica, os *gays* afeminados ocupariam a parte inferior e menos nobre da estrutura. Justamente porque a afeminação se tornou um elemento de desigualdade entre homens *gays*, que pode repercutir em diversas áreas da vida do sujeito (Brooks, Reysen, & Shaw, 2017; Ferreira & Ferreira, 2015; Miller & Behm-Morawitz, 2016; Reis, 2012). Talvez o exemplo mais acessível e com maior quantidade de trabalhos publicados no Brasil seja referente às relações amorosas e aplicativos de encontros amorosos. Autores como Almeida (2011), Braga (2015) e Rezende e Cotta (2015) demonstram em suas pesquisas mensagens com conteúdo de ódio,

afastamento e rejeição a homens *gays* afeminados nesses ambientes.

No imaginário popular as performances de gênero e de orientação sexual não são vistas como coisas distintas, logo, o *gay* afeminado (que rompe com padrões do que seria atuação de gênero masculina) é mais facilmente identificado enquanto *gay*, pela sua aparência, comportamento, voz e uma infinidade de outras características estereotípicas de gênero que são usadas como marcadores. Em outras palavras, o *gay* afeminado tenciona mais abertamente as normas de gênero e, desse modo, o furor heteronormativo lhe volta como reação de forma mais imediata. Isso não quer dizer que os homens *gays* que não “aparentarem ser *gays*” estarão livres das investidas homofóbicas, porém, quando não se é identificado como autor de uma transgressão social o furor condenatório tende a retardar (Miller, 2015; Miller & Behm-Morawitz, 2016; Salvati, Pistella, Ioverno, Giacomantonio, & Baiocco, 2017; Sánchez & Vilain, 2012; Taywaditep, 2002).

Posto isso, estudar a afeminação enquanto fenômeno social e as atitudes de homens *gays* e bissexuais sobre afeminação passa a ser essencial para melhor compreensão dessas relações e para que possam ser traçadas perspectivas de equalização entre os subgrupos. A antiafeminação ainda não é um tema acadêmico consistente no País. No Brasil, a maior parte dos estudos não se propõe a investigar a afeminação e os elementos a ela associados como uma variável em estudos amplos e empíricos. Soma-se a isso o fato de que não há disponíveis no País escalas e inventários que ajudem na construção de pesquisas com esse enfoque e que coloquem os dados nacionais em viés comparativo com produções estrangeiras recentes e que trabalhem com essa problemática.

Nos Estados Unidos, em 2001, Kittiwut Jod Taywaditep defendeu sua tese de doutorado em Psicologia pela Universidade de Illinois. Nesse trabalho, entre outros feitos, ele constrói uma escala para medir as atitudes negativas de homens *gays* sobre a afeminação, denominada Negative Attitudes Toward Effeminacy Scale (NATE). A NATE possui 17 itens distribuídos em único fator, apesar da grande diversidade temática dos itens, e apresentando um alfa de 0,94. Foi gerada através de uma revisão de expressões sobre afeminação ou sobre homens *gays* afeminados, que incluía produções acadêmicas e anúncios pessoais em plataformas de relacionamentos. Reuniu-se, assim, afirmações que se relacionam com atitudes negativas sobre afeminação em contextos sociais e em contextos eróticos/românticos, entendendo que juntos compõem um mesmo constructo (Taywaditep, 2001). Todavia,

havia 5 itens invertidos, ou seja, que apresentavam características positivas, o que poderia gerar algum tipo de confusão para os respondentes. Para responder, deve-se escolher em uma escala tipo *likert* de sete pontos, que vai de “discordo fortemente” a “concordo fortemente”, o quanto se concorda com as frases. Vários estudos com impacto considerável em língua inglesa têm utilizado essa escala (Brooks et al., 2017; Miller & Behm-Morawitz, 2016; Murgo, Huynh, Lee & Chrisler, 2017; Sánchez & Vilain, 2012) em pesquisas com diferentes delineamentos, o que indica sua boa recepção e crescente importância na academia. O presente estudo propõe-se a adaptar a Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA) para o contexto brasileiro. Adaptar esse instrumento no Brasil permite criar uma medida padronizada e comparável com os estudos internacionais, possibilitando avanços no estudo da homofobia, da heteronormatividade e do machismo.

Método

Foram realizadas etapas criteriosas para que o instrumento NATE (Taywaditep, 2001), que foi denominado em português de Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação (ANA), fosse adaptado e posteriormente utilizado no Brasil: tradução, síntese das traduções, retrotradução, grupo de discussão e estudo piloto. O autor original, Taywaditep, em contato por *e-mail*, autorizou e incentivou a realização do trabalho de adaptação. Como o instrumento se encontrava em língua inglesa, foram seguidas cinco etapas, de acordo com as orientações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012) e consideradas as especificidades de tal estudo.

Foi realizado *survey* (n=1123) em plataforma *online*. Para realização desta pesquisa houve aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 78873817.4.0000.5546, observando os princípios éticos que regulamentam a realização de pesquisa com seres humanos, previstos na resolução CNS 466/12. Os participantes foram informados dos procedimentos e objetivos da pesquisa através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e só participaram da resolução do questionário *online* os que declararam concordar com os termos da pesquisa.

Posteriormente foram produzidas investigações estatísticas objetivando a produção de evidências de validade da ANA no Brasil e de suas propriedades fatoriais. O procedimento inicial era realizar um Análise Fatorial Confirmatória, mas mostrou-se necessário realizar antes uma Análise Fatorial Exploratória. Por fim, foram calculados o alfa de Cronbach e os resultados referentes à distribuição dos dados da ANA.

Instrumentos e procedimentos

Foi utilizado, além da versão adaptada da ANA, um questionário desenvolvido pelos autores sobre aspectos socioeconômicos, como idade, sexualidade, renda e escolaridade. Esses instrumentos foram utilizados em um formulário de pesquisa *online* hospedado na plataforma Google, que ficou disponível por 18 dias. O tempo médio de resolução dos participantes foi de 15 minutos. A divulgação da pesquisa ocorreu através de redes sociais, principalmente o Facebook e do aplicativo de mensagens rápidas Whatsapp. Nesses dois veículos foi possível encontrar uma infinidade de grupos destinados a homens *gays* e bissexuais em todo o Brasil, com temáticas e idades variadas; além disso, uma postagem patrocinada de divulgação foi feita na página de um grupo de pesquisa, ampliando significativamente o alcance da pesquisa. Após encerrada essa etapa, o banco de dados gerado foi revisado e transferido para o programa estatístico SPSS, no qual foram realizadas as análises. Para apuração da análise fatorial confirmatória, o AMOS foi operado.

Resultados e discussão

Participantes

Participaram deste estudo 1123 homens, maiores de 18 anos, que declararam ser homossexuais, bissexuais ou homens que fazem sexo com homens. Desses, 92,60% reconhecem-se como homens e o restante (7,40%) disseram não se definir, mas são reconhecidos como homens pela sociedade. Nessa amostra, 80,50% declarou ser homossexual, 16,80% bissexual e os 2,70% restante declaram fazer sexo com homens, ser HSH ou G0y. Quanto à identidade racial, negros (pretos e pardos) e brancos obtiveram porcentagens semelhantes, respectivamente 48,50% e 47,60%. O restante declarou-se amarelo (2,10%) ou outras possibilidades (1,70%).

A distribuição geográfica desses participantes pelo Brasil abrangeu todos os estados e o Distrito Federal. Do total, 21,40% são residentes do estado de São Paulo, seguidos por Minas Gerais (9,90%), Bahia (9,50%), Rio de Janeiro (9,10%) e Sergipe (6,90%). Esses cinco estados reunidos são responsáveis por mais da metade da amostra (56,80%). Reunindo os estados por região, o Sudeste figura à frente com 43,40% dos respondentes, seguido pelo Nordeste, com 34,60% e pelo Sul (11,10%), Norte (6%) e Centro-Oeste (5%). A renda individual (n=1102) obteve média de aproximadamente R\$ 2416,70, com desvio padrão aproximado de 2982,83. No entanto, pouco mais 71% da amostra possui renda individual de até R\$

2500,00, sendo a mediana R\$ 1400,00 evidenciando que a amostra apresenta valores altos que influenciam a média.

A média de idade é de 26,85 anos (DP=8,51), com uma amplitude que vai dos 18 aos 65 anos. Quanto à escolaridade, os pesquisados possuem em sua maioria nível superior incompleto (34,5%), seguidos por pós-graduados e pós-graduandos com 24%. Superior completo (19,20%) e médio completo (17,30%) vêm em seguida; fundamental incompleto, completo e médio incompleto representam 0,40%, 0,80% e 3,80%, respectivamente. Cerca de 54,40% estava solteiro na ocasião da pesquisa, 25,10% namorando, 9,30% casado (com homem ou mulher) e 9,30% ficando, uma menor parte declarou outros tipos de *status* (1,90%).

Adaptação da Escala

Foram realizadas cinco etapas para efetivação desse processo: tradução, síntese das traduções, retrotradução, grupo de discussão e estudo piloto.

(1) O instrumento original foi criteriosamente traduzido por três tradutores independentes, sendo dois tradutores profissionais e um profissional da Psicologia ambientado nos estudos sobre sexualidade e fluente em inglês. A primeira tradutora tem vasto currículo formativo e profissional na área de tradução e interpretação, é Mestre em linguística aplicada e tradutora pública, além disso, é credenciada pela ABRATES, a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes. O segundo tradutor é professor universitário, possui graduação em Psicologia, trabalha com traduções há mais de uma década e é filiado ao SINTRA, o Sindicato Nacional de Tradutores. A terceira tradutora é psicóloga, pesquisadora na área da sexualidade humana, autora de artigos e estudos voltados a grupos LGB e fluente em inglês.

A escala original foi enviada por e-mail para os tradutores, após contato prévio e acertos técnicos, como a informação do conteúdo da escala e acertos contratuais. O retorno se deu cerca de uma semana após o envio e um dos tradutores destacou que a quantidade de termos coloquiais foi um dificultador do processo, como previsto.

(2) Com as traduções em mãos, foi marcado um encontro com juízes, *experts* na área de estudos sobre sexualidade humana e avaliação psicológica e que são fluentes em inglês, para que fosse feita a unificação das traduções, respeitando ao máximo a correspondência direta dos termos e a manutenção do conteúdo, na mesma proporção. Um outro princípio utilizado, tão importante quanto os anteriores, foi o de que o conteúdo produzido deveria fazer sentido e ser entendível pelo público alvo, homens *gays* e bissexuais brasileiros.

O grupo de juízes foi composto pelos pesquisadores autores desse estudo e por mais três pesquisadores na área de sexualidade humana e avaliação psicológica, um deles possui doutorado, outra cursa mestrado e o terceiro é graduado em Psicologia, assim como os dois primeiros.

Para realização da reunião, foi elaborada uma tabela que emparelhava as três versões do instrumento e o instrumento original, para que se avaliasse e decidisse como ficaria a versão final. Os itens eram lidos e avaliados individualmente e depois eram expressas as opiniões. Todas as decisões foram tomadas em consenso após alguns minutos de debate, resultando em itens que eram mais fiéis a uma das versões traduzidas e em itens que eram uma mescla das versões disponíveis.

Alguns termos geraram uma discussão maior por serem gírias ou expressões coloquiais que não possuem um correspondente semântico exato. Termos como “*sissy queens*”, “*camp it up*” e “*queenie gay man*” são controversos e tiveram que ser adaptados e substituídos por expressões brasileiras que conservassem o sentido original. A maior parte dessas soluções linguísticas já foram apresentadas pelos tradutores independentes. Além disso, um outro aspecto criou demanda para que fosse feita uma retrotradução: a preocupação em manter o sentido das frases.

(3) Após a síntese elaborada pelo grupo de juízes, foi gerada uma versão preliminar em português da ANA, a qual foi submetida a um processo de retrotradução a fim de ser enviada para o autor da versão original para que esse pudesse verificar se os itens mantinham os significados corretos após os processos que haviam sido submetidos. A retrotradução é uma técnica utilizada em processos de adaptação cultural e que objetiva a verificação da adequação dos itens em um sentido mais voltado ao conteúdo do que aos termos utilizados na nova versão da língua original, pois é bem provável que as palavras sejam substituídas por similares nesse processo, o que não indica erro.

Nesse caso, foi designado a um homem *gay* (como forma de assegurar que ele iria entender e saber expressar os termos mais ligados à comunidade *gay*) com formação superior na área de linguagens, que tem o português brasileiro como língua nativa e que vive há mais de 20 anos na América do Norte, trabalhando com língua inglesa. Esse tradutor independente não teve contato prévio com a escala original e forneceu a versão preliminar da ANA traduzida para o inglês com bastante precisão.

O autor da NATE teceu comentários sobre os itens a fim de confirmar se eles estavam mantendo a intenção comunicativa original. Após análise criteriosa das observações de Taywaditep e em consonância com

o grupo de juízes especialistas que elaborou a síntese das traduções, duas alterações foram feitas, sendo nos dois casos substituições de advérbios de intensidade, “muito” e “demais”, que tentavam reproduzir a ênfase de termos coloquiais da versão em inglês, mas que foram julgados como desnecessários pelo autor. Em um desses casos, o advérbio foi trocado por uma palavra que expressava exterioridade, como recomendado.

(4) Com a versão preliminar ajustada, o passo seguinte foi montar um grupo de discussão com representantes do grupo-alvo, homens *gays* e bissexuais. Os participantes desse grupo foram escolhidos de forma a gerar diversidade no grupo e de acordo com critérios de conveniência, como disponibilidade no dia marcado e não serem próximos aos autores do estudo.

Foram 5 participantes, sendo a média de idade do grupo de 26 anos (DP=6,20), todos se consideravam homossexuais, havia sujeitos com ensino médio completo, graduando e mestrando de diferentes áreas. O grupo se dividiu quanto a se identificar ou não como afeminado, 3 se consideraram. Pelo menos 3 consideravam ter um nível de envolvimento com a comunidade alto ou muito alto.

O grupo leu e discutiu cada item, avaliando o grau de compreensibilidade para eles e para os homens *gays* e bissexuais que conheciam. Além disso, produziram algumas sugestões de adaptação linguística para que a ANA ficasse mais adequada para o público geral. Considerando a fidelidade ao sentido original da escala, a boa receptividade dessa versão por parte do grupo e a preservação da consistência dos itens, nem todas as sugestões foram aceitas¹, mas uma delas foi incorporada, por ser um sinônimo mais acessível ou gramaticalmente melhor. No item 11 a indicação feita pelo grupo e acatada foi de substituir a expressão “ajudam a contribuir” por “contribuem”, o que melhorou a redação da oração.

(5) Com a realização desses ajustes chegou-se ao que seria a versão final da ANA, a última etapa da adaptação consistiu na realização de um estudo piloto, *online* através da plataforma Google, com 20 participantes, de diferentes idades e níveis educacionais, que foram escolhidos por conveniência e de forma programada pelos autores. O objetivo dessa etapa foi expor a ANA a um público maior e diversificado, em um contexto de auto aplicação e observar como se comportam os respondentes, assim como solicitar *feedbacks* sobre o questionário e o uso da plataforma online para esse tipo

de pesquisa. O questionário produzido possuía, além da ANA, um formulário com informações pessoais e sociais, que foi elaborado pelos autores.

Os respondentes do estudo piloto tinham uma média de idade de 31,10 anos (DP=10,82). Se consideravam afeminados 25% e o restante (75%) não se considerava. Apenas 20% se considerava bissexual, enquanto o restante se declarou homossexual (80%). Eram provenientes de cidades da Bahia e de Sergipe e 70% declarou estar solteiro. Negros e brancos representaram, respectivamente, 80% e 20% da amostra. Desses, 45% declararam ter ensino superior completo ou mais qualificações, enquanto somente 15% teriam apenas concluído o Ensino Médio.

Diante dessa amostra heterogênea, verificou-se o funcionamento da plataforma como adequado. Ao final do questionário foi deixado um espaço para comentários, críticas ou sugestões. Nove participantes escreveram nessa área, e quase todos o fizeram para deixar elogios e dizer o quanto a temática mexeu com eles. Não foi registrado nenhum comentário de dúvida ou questionamento sobre a ANA. Desse modo, deu-se por finalizado o processo de adaptação cultural.

Produção de evidências psicométricas

Utilizou-se a versão adaptada da ANA e um questionário com dados sociais para produção de uma pesquisa *online* e geração um banco de dados que foi utilizado para produzir alguns índices psicométricos para a escala. Os dados foram inseridos no programa estatístico SPSS, versão 23, para que fossem feitas análises estatísticas. O primeiro procedimento após a limpeza e revisão detalhadas do banco, foi submeter os itens da escala ANA a uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), a fim de testar o modelo unifatorial da escala original. Foi utilizado o *software* complementar AMOS, versão 22. Os resultados obtidos não eram satisfatórios e demonstravam um considerável desajuste no modelo, nenhum dos índices de adequação de ajuste mostraram-se dentro dos limites aceitáveis, gerando absoluta desconfiança desse modelo.

Ponderado esse fato, decidiu-se por empreender uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) para ver qual estrutura fatorial seria sugerida como mais adequada para em seguida realizar nova AFC. Para tal, foi feita uma divisão aleatória do conjunto de dados em dois bancos.

A primeira metade do banco de dados (n=562) foi utilizada na produção da AFE. Foi utilizado o método da Análise de Componentes Principais, também conhecida como Análise Fatorial Comum, sendo o método de rotação o Oblimin direto. Junto com este procedimento foi gerada a matriz de correlação dos

¹ Sugestões que não foram aceitas: a substituição de “estereótipo” por “imagem” no item 2 e de “respeitabilidade” por “reputação” no item 13, com objetivo de não alterar o sentido; a troca de “feminino” por “afeminado”, nos itens 7 e 8, para manter variedade lexical nas orações; e, a retirada de “soltar a franga” do item 3, o que o descaracterizaria.

itens, através da qual poderia se verificar quais variáveis são adequadas para serem submetidas a análise fatorial. Segundo Hair, Anderson, Tatham e Black (2005) um número substancial de correlações menores do que 0,30 é inapropriado para realização da análise fatorial. Foi percebido que alguns itens apresentavam um grande número de correlações abaixo de 0,30, sendo eles os itens (originalmente numerados como) 3, 6, 8, 10 e 11 (apresentando respectivamente 10, 12, 7, 4 e 6 correlações baixas). Tais itens são também os que faziam afirmações positivas sobre afeminação (questões invertidas) e que apresentaram uma grande uniformidade de respostas, confirmando sua fragilidade em participar desse processo. Decidiu-se por excluir tais itens e rodar novamente a análise fatorial.

Refeito o processo já com os cinco itens retirados, foram verificados os testes de adequação da amostra. O teste de KMO deu um resultado muito bom (0,942), evidenciando que as variáveis têm variância em comum, e o teste de esfericidade de Bartlett deu significativo ($p < 0,001$), mostrando que há boa probabilidade de que esse modelo tenha correlações significantes. Além disso, as comunalidades foram observadas, sendo que é adequado que sejam maiores ou iguais a 0,50. Todas variaram entre 0,600 e 0,757, demonstrando que os itens estão sendo bem explicados por essa análise.

Tanto pelo critério da raiz latente, quanto pelo gráfico de escarpa, são sugeridos dois fatores para explicar os itens dessa escala, sendo que juntos atingem

67,50% da variância, ultrapassando o valor mínimo indicado de 60%. O número de fatores extraídos foi contraposto com o procedimento de Análises Paralelas que vem sendo destacado pela literatura como método mais preciso para extração de fatores (Hayton, Allen & Scarpello, 2004), foram utilizadas para o cálculo 500 matrizes aleatórias e um intervalo de confiança de 95%. Comparando os dados fornecidos pelo dispositivo *online*² das Análises Paralelas o modelo com dois fatores foi confirmado. O primeiro componente refere-se ao que se denominou aqui de Rejeição Pública, sendo composto por sete itens, e o segundo componente foi chamado de Rejeição Íntima, composto por cinco itens. A distribuição dos itens e suas cargas fatoriais já rotacionados pode ser vista na **Tabela 1**.

Apenas o item 4 apresentou carga fatorial maior que 0,30 nos dois componentes. Além disso, sua carga principal foi tímida, apenas 0,499. No entanto, Hair et al. (2005) preconiza que para uma amostra de 350 sujeitos, 0,30 já pode ser considerado como significativo. Tendo em vista que a amostra utilizada aqui é de 562 sujeitos, decidiu-se por considerar o item 4 como relevante e mantê-lo no modelo.

Quanto a consistência interna dessa escala, foram obtidos os valores do alfa de Cronbach para cada um dos fatores extraídos da AFE. O fator de Rejeição Pública obteve um alfa de 0,918 e o de Rejeição Íntima obteve 0,866, índices considerados respectivamente como excelente e bom.

TABELA 1
Análise Fatorial Exploratória da Escala de Atitudes Negativas sobre Afeminação.

Itens	ANA	
	Componente 1	Componente 2
15) O jeito afeminado de alguns homens gays é prejudicial à imagem pública de pessoas <i>gays</i> em geral.	0,927	
13) Homens <i>gays</i> femininos estão destruindo a respeitabilidade dos <i>gays</i> em geral.	0,911	
14) É vergonhoso ser visto em público com um homem <i>gay</i> “afetado”.	0,874	
17) A comunidade <i>gay</i> seria um lugar muito mais confortável se alguns de seus membros tentassem diminuir seu comportamento extravagante.	0,779	
16) Eu me sentiria nervoso se estivesse em um grupo de homens <i>gays</i> “afeminados”.	0,751	
12) Quando estou em público, tento manter distância de caras <i>gays</i> que aparentam ser “bichas”.	0,640	
4) Me incomodo ao ver homens <i>gays</i> agindo como uma mulher.	0,499	0,359
9) Quando conheço um homem <i>gay</i> , eu perco o tesão imediatamente se ele agir de forma afeminada.		0,869
5) O comportamento afeminado de um homem <i>gay</i> provavelmente atrapalharia o desenvolvimento de um relacionamento confortável entre eu e ele.		0,851
1) Se eu publicasse um anúncio pessoal procurando um encontro, eu incluiria “não curto afeminados” nos requisitos.		0,795
2) Eu não quero ser associado ao estereótipo de homens <i>gays</i> afeminados.		0,732
7) Em geral, eu tento evitar homens <i>gays</i> que são visivelmente femininos.		0,588

² Gonzaga University. (2018). Análises Paralelas [Ferramenta para calcular análises paralelas online]. Recuperado de <https://analytics.gonzaga.edu/parallelengine/>

Com a segunda metade da amostra ($n=561$) foi realizada a AFC do modelo com dois fatores para verificar sua adequação. O método utilizado foi o da Máxima Verossimilhança. Para essa análise foram utilizados índices de ajuste (a) absoluto, (b) parcimonioso e (c) comparativo, que foram respectivamente: (a) a razão entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2/df), e; a raiz quadrada dos resíduos padronizados (SRMR); (b) a raiz quadrada do erro médio ajustada (RMSEA); e (c) o índice de adequação de ajuste (CFI) e; o índice de Tucker-Lewis (TLI).

Avaliar a significância do χ^2 é um índice que tem sido questionado por sofrer influência determinante do tamanho da amostra, a adoção da razão entre χ^2 e os graus de liberdade se justificam por ser menos influenciável (Wheaton, Muthen, Alwin, & Summers, 1977). Quanto menor o índice maior o ajuste global do modelo. Não existem grandes consensos com relação aos parâmetros dessa medida, alguns autores mais rigorosos preferem índices menores ou iguais a 2 ou 3 (Schreiber, Stage, King, Nora, & Barlow, 2006). No entanto, Wheaton et al. (1977) estabelece que valores menores a 5 possuem ajuste razoável, neste estudo consideraremos esse parâmetro, que tem sido amplamente utilizado em pesquisas no Brasil. Com variação de 0 a 1, o SRMR tem melhor adequação à medida que se aproxima de zero. Hooper, Coughlan e Mullen (2008) posiciona que alguns autores aceitam níveis menores que 0,08, no entanto, há usos mais rigorosos que preconizam 0,05 como valor máximo para a raiz quadrada desses resíduos. Adotou-se nesse estudo o padrão máximo de 0,08, como sugerido por Brown (2006) e Schreiber et al. (2006).

Os valores do CFI e do TLI são considerados ótimos quando estão acima de 0,95 (Schreiber et al., 2006), no entanto o intervalo 0,90 – 0,95 vem sendo defendido como seguro para indicar um bom ajuste do

modelo (Brown, 2006). Do mesmo modo, o RMSEA é considerado ótimo quando apresenta índices menores do que 0,06, mas valores até 0,07 e 0,08 vem sendo aceitos (Hooper et al., 2008). Concordando com MacCallum, Browne e Sugawara (1996), que considera que abaixo de 0,08 é um bom ajuste e acima de 0,10 se tem falta de ajuste, adotou-se esse parâmetro (Schreiber et al., 2006).

Considerando esses índices de ajustes, ficou evidente como os modelos unifatoriais estavam desequilibrados. Demonstrando que o modelo bifatorial, que até então apresentava três índices aceitáveis, o SRMR, o CFI e o TLI, estava melhor ajustado. Por hora, estabelecido esse modelo, buscou-se uma avaliação mais detalhada através dos índices de modificação (MI). Foram considerados os índices com maiores índices de modificação (acima de 20), que estavam no mesmo fator e que havia justificativa teórica convincente que explicasse a divisão das covariâncias entre os erros dos itens. Inicialmente se observou que entre os itens 13 e 15 (MI=42,465) estavam fixados os maiores MI. Após aceitar essa indicação do *software*, recalculou-se e checkou-se novamente os índices. O par com maior MI era dos itens 5 e 9 (MI=25,955), mais uma vez foi realizado ajuste.

O processo repetiu-se mais duas vezes (itens 1 e 9, MI=25,058 e; 12 e 14, MI=23,213), quando se verificou que nenhum par atendia aos critérios para ser submetido a modificação e também que o modelo havia alcançado um bom ajuste. A **Tabela 2** mostra os índices de adequação de ajustes de quatro modelos, (a) o inicial, com 17 itens e unifatorial, (b) o segundo, com 12 itens e unifatorial, (c) o terceiro, com 12 itens e bifatorial, como sugerido pela AFE e, (d) o quarto, com 12 itens, bifatorial e após as modificações, sendo esse o modelo final adotado nesse estudo, contando com adequação em todos os índices listados.

TABELA 2
Índices de adequação de ajustes de Análise Fatorial Confirmatória da ANA.

Modelos	Índices de Adequação de Ajustes					
	χ^2 (df)	χ^2 / df	SRMR	CFI	TLI	RMSEA (90% CI)
Unifatorial com 17 itens (n=1123)	2482,464 (119)	20,861	0,0947	0,774	0,742	0,133 (0,129-0,138)
Unifatorial com 12 itens (n=1123)	1190,557 (54)	22,047	0,0694	0,863	0,832	0,137 (0,130-0,144)
Bifatorial com 12 itens (n=561)	353,147 (53)	6,663	0,0563	0,925	0,907	0,101 (0,091-0,111)
Bifatorial com 12 itens (n=561) [após ajustes]	217,947 (49)	4,448	0,0416	0,958	0,943	0,078 (0,068-0,089)

Nota: Em destaque os índices considerados significativos.

Evidências de validade de critério

Adotando-se o modelo exposto na **Tabela 2**, realizou-se algumas verificações estatísticas sobre a distribuição dos índices da ANA utilizando o banco de dados completo (n=1123). Foram realizados Testes t para amostras independentes comparando a ANA com grupos de orientação sexual, idade, escolaridade, renda e autoidentificação como afeminado. Os testes também foram realizados separadamente com os fatores da ANA, rejeição íntima e rejeição pública. Os resultados desses testes estão dispostos na **Tabela 3**.

Orientação sexual e autoidentificação como afeminado apresentaram em todas as tentativas diferenças significativas entre os grupos, todos com $P < 0,001$. Os que se declararam homossexuais e os que se declararam afeminados apresentaram índices menores na ANA e em seus fatores do que os masculinizados, bissexuais e HSHs. Os grupos de idade e renda utilizaram a mediana para estabelecer o ponto de corte dos grupos. Os grupos de idade demonstraram ser significativamente diferentes, sendo que os maiores de 24 anos apresentaram maiores pontuações de atitudes negativas sobre afeminação. Nos testes utilizando a renda, apenas o fator de rejeição pública não apresentou diferença significativa. A escolaridade utilizou o ensino médio como ponto de corte dos grupos, apenas o fator de rejeição pública apresentou resultado positivo para a diferença.

Esses resultados sugerem que a mensuração da ANA é sensível às identificações dos pesquisados e isso se reforça por não expressar diferenças em todos os grupos, exigindo coerência dos dados. A orientação sexual e a afeminação aparecem aqui como consistentes

contribuintes para os escores da escala. Os indivíduos mais velhos têm maiores pontuações, o que poderia indicar diferenças geracionais e nas representações sobre afeminação, fluidez de gênero e corpos *queers*, no que se refere a um avanço das gerações mais jovens com relação à sensibilidade nessa área (Cerqueira-Santos, 2018). Contudo, essa afirmação precisaria de investigações mais cautelosas para ser feita com propriedade, esse dado sugere uma pista inicial. Os resultados de renda também carecem de maiores investigações em sua interpretação, aqui indicam a possibilidade dos sujeitos com maior renda individual serem mais negativos com *gays* afeminados. No que se refere à escolaridade, aparentemente o corte não demonstrou representar bem os grupos, possivelmente o cruzamento dos dados de escolaridade e renda rendessem respostas mais precisas. Evidentemente, a divisão de escolaridade, renda e idade em maior número de grupos poderia fornecer dados com maior qualidade, isso deve ser considerado em estudos futuros.

Considerações finais

Para adaptar a ANA havia algumas questões que poderiam prejudicar o projeto, além das tradicionais dificuldades, a linguagem informal, cheia de gírias e expressões coloquiais colocava em risco a fidedignidade e a adaptabilidade ao contexto brasileiro. Culturalmente, o Brasil significa as “coisas” através do gênero de forma bastante diferente dos países de língua anglo-saxônica, visto que aqui objetos, pessoas, lugares e praticamente “tudo” possui gênero, inclusive em algumas regiões utiliza-se o pronome definido

TABELA 3
Comparações estatísticas de distribuição da ANA através de Testes t.

<i>Índices dos grupos em sequência de Testes t bilaterais de amostras independentes</i>											
<i>Grupos</i>		<i>N</i>	<i>Índice Geral ANA</i>			<i>Rejeição Íntima</i>			<i>Rejeição Pública</i>		
			<i>T</i>	<i>P</i>	<i>Média</i>	<i>t</i>	<i>P</i>	<i>Média</i>	<i>t</i>	<i>P</i>	<i>Média</i>
Orientação Sexual	Homossexuais	904			30,01			15,82			14,19
	Bissexuais e HSH	219	-5,339	<0,001	37,37	-4,262	<0,001	18,52	-5,568	<0,001	18,85
Idade	≤24 anos	569			29,41			14,95			14,46
	>24 anos	554	4,089	<0,001	33,54	5,633	<0,001	17,78	2,198	<0,05	15,76
Escolaridade	Até o E.M.	250			33,12			16,23			16,89
	Após E.M.	873	-1,763	0,078	30,97	0,256	0,798	16,38	-3,089	<0,01	14,59
Renda	≤1400,00	552			29,83			15,22			14,60
	>1400,00	550	3,166	<0,01	33,06	4,598	<0,001	17,55	1,514	0,130	15,51
Afeminação (autoidentificação)	Sim	280			23,90			12,06			11,83
	Não	843	-10,008	<0,001	33,96	-11,028	<0,001	17,77	-7,570	<0,001	16,18

Nota: Em destaque os índices considerados significativos.

antes até de nomes próprios (“o” *fulano*, “a” *ciclana*). Os pronomes não são neutros, aumentando o peso e a constância do gênero e de suas diferenças, isso leva a uma demarcação de gênero intensa o que torna possível desempenhos diferentes da ANA (e das pesquisas a respeito da afeminação em homens *gays* e bissexuais) entre Brasil e EUA. Ao mesmo tempo que isso contribui para justificar a utilização da ANA no contexto brasileiro, também serve de indicativo de que em estudos futuros essa hipótese deve ser melhor investigada. Em seu estudo utilizando a versão original da escala, NATE, Sánchez, Blas-Lopez, Martínez-Patiño e Vilain (2016) não encontraram diferenças significativas nas pontuações de homens brancos e latinos norte-americanos, mas tal resultado não pode ser estendido como hipótese para habitantes do Brasil e suas particularidades culturais e sociais.

Acredita-se que o rigoroso processo de adaptação, destacando-se as criteriosas escolhas dos profissionais que comporiam as etapas desempenhadas, possibilitou um contorno dessa problemática. Algumas características da escala original não demonstraram adaptação satisfatória, é o caso dos itens invertidos (3, 6, 8, 10 e 11), que acabaram por ser eliminados durante o processo de AFE, por não apresentarem correlações suficientemente altas com os outros itens. Nesse caso, atribui-se não a problemas de tradução e sim ao formato da elaboração das questões. Esse tipo de item invertido foi por muito tempo exaltado como indicio de qualidade nas escalas, porém atualmente existem questionamentos sobre a efetividade desse padrão e por sua possibilidade de ocasionar confusão nos respondentes que são obrigados a reinterpretar os ponteiros de significado da escala tipo *likert*. A hipótese levantada nesse artigo para a queda desses itens também se sustenta no fato dos itens eliminados resgatarem, em sua maioria, questões já abordadas na escala, diminuindo sua importância no conjunto.

Considerando os resultados desse estudo, houve sucesso no processo de adaptação, o que é evidenciado pelos bons índices de evidência de validade alcançados. Apesar das limitações da metodologia on-line, que em certo olhar deve ser pensada como uma potencialidade, conseguiu-se um conjunto de dados capaz de responder as perguntas iniciais sobre o processo de validação da

escala. É preciso que esses estudos sejam aprofundados e replicados com diferentes metodologias e alcances para que haja maior segurança e relevância na utilização da ANA.

Alguns fatores influenciam a vivência da masculinidade, em seu sentido mais amplo, em conexão com a liberdade de expressão de gênero. Há requisitos geográficos, geracionais, educacionais, econômicos e culturais tencionando o sujeito entre uma masculinidade hegemônica e possíveis masculinidades alternativas. Dentre essas possibilidades, a afeminação seja enquanto aparência, seja enquanto comportamento sofre com limitações de diferentes ordens, estética, emocional, expressiva etc. Morar em um grande centro urbano, ser de uma classe econômica elevada, ser de uma geração mais nova que pode ter contato com uma educação (formal e informal) aberta às diferenças e diversidades, ter se aventurado pelos estudos queer, entre outros privilégios, não são capazes de autorizar o homem brasileiro a ser um *gay*/bi afeminado. O discurso de marginalização da afeminação ainda se irradia de forma estrutural na sociedade, no entanto os privilégios citados são capazes de possibilitar a vivência, mesmo em risco (de transgredir as normas sexuais e de gênero e sofrer punições por isso, sejam elas físicas, afetivas ou relacionais) da afeminação em uma medida maior do que daqueles que não detém tais privilégios.

As atitudes negativas sobre afeminação eram até a realização desse estudo um constructo não medido no País, o que chama atenção para algumas reflexões: (a) a necessidade de maiores investigações acerca da temática, para formação de um arcabouço teórico e de pesquisa consistente, a fim de dar maior sustentabilidade aos diversos usos possíveis desse constructo; (b) o vazio teórico nas investigações sobre condições sociais e de saúde das populações de *gays* e bissexuais representada pela não inclusão da afeminação como variável que pode interferir nesses índices; (c) a emergência do aperfeiçoamento do uso da afeminação como variável nas investigações brasileiras, o que exige expansões para além da ANA; e (d) a importância de utilizar a ANA para ampliar as pesquisas acerca de homofobia intragrupal em homens *gays*, bissexuais e que fazem sexo com homens, incluindo a antiafeminação como parte do cenário.

Referências

- Almeida, D. M. V. de. (2011). Sou gay, porém totalmente discreto: os estereótipos e a criação do ethos em um site de relacionamento gay. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, 3, 39-61. <https://doi.org/10.17851/2317-4242.3.0.39-61>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2012000300014>
- Braga, G. T. (2015). Não estou cobrando o que eu não posso dar: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, 21, 225-261. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.21.12.a>
- Brooks, T. R., Reysen, S., & Shaw, J. (2017). Smashing back Doors in: Negative Attitudes toward Bottoms within the Gay Community. *World Journal of Social Science Research*, 4(2), 129. <https://doi.org/10.22158/wjssr.v4n2p129>
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. New York, NY: The Guilford Press. (DOI INEXISTENTE)
- Cerqueira-Santos, E. (2018). Sexualidade na adultez emergente: gênero, orientação sexual e identidade. In Dutra-Thomé, L., Pereira, A. S., Rodrigues, S. I. N., & Koller, S. H. *Adultez Emergente no Brasil: novas perspectivas da psicologia do desenvolvimento*. São Paulo, SP: Vetor, pp. 117-128. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23398>
- Cerqueira-Santos, E., Silva, B. B., Rodrigues, H. dos, & Santos, L. dos. (2016). Homofobia internalizada e satisfação conjugal em homens e mulheres homossexuais. *Contextos Clínicos*, 9(2), 148-158. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.92.01>
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-227. (DOI INEXISTENTE)
- Ferreira, C. C. & Ferreira, S. P. A. (2015). Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência. *Tópicos Educacionais*, 21(2), 103-138. (DOI INEXISTENTE)
- Figueiredo, G. H. P. de. (2016). *Homofobia entre gays: um estudo sobre a reprodução de discursos e práticas heteronormativas* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. <https://doi.org/10.35588/blacpma.19.18.1.05>
- Fry, P. (1982). "Da Hierarquia à Igualdade". In Fry, P. *Pra Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, pp. 87-115. (DOI INEXISTENTE)
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. A. S. Sant'Anna & A. C. Neto (Trad.). Porto Alegre, RS: Bookman. (DOI INEXISTENTE)
- Hayton, J. C., Allen, D.G., & Scarpello, V. (2004) Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: A Tutorial on Parallel Analysis. *Organizational Research Methods*, 7, 191-205. <https://doi.org/10.1177/1094428104263675>
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. R. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *Electronic Journal of Business Research Methods*, 6(1), 53-60. (DOI INEXISTENTE)
- Lopes, O. G. (2017). Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Revista Periódicus*, 1(7), 405-422. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i7.22287>
- MacCallum, R. C., Browne, M. W., & Sugawara, H., M. (1996). Power Analysis and Determination of Sample Size for Covariance Structure Modeling. *Psychological Methods*, 1(2), 130-49. <https://doi.org/10.1037//1082-989x.1.2.130>
- Miller, B. & Behm-Morawitz, E. (2016). "Masculine Guys Only": The effects of femmophobic mobile dating application profiles on partner selection for men who have sex with men. *Computers in Human Behavior*, 62, 176-185. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.03.088>
- Miller, B. (2015). "Dude, where's your face?" Self-presentation, self-description, and partner preferences on a social networking application for men who have sex with men: a content analysis. *Sexuality & Culture*, 19(4), 637-658. <https://doi.org/10.1007/s12119-015-9283-4>
- Murgo, M. A. J., Huynh, K. D., Lee, D. L., & Chrisler, J. C. (2017). Anti-Effeminacy Moderates the Relationship Between Masculinity and Internalized Heterosexism Among Gay Men. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 11(2), 106-118. <https://doi.org/10.1080/15538605.2017.1310008>

- Pasquali, L. (1997). *Psicometria: teoria e aplicações*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília. (DOI INEXISTENTE)
- Reis, R. P. D. (2012). Encontros e desencontros. Uma etnografia das relações entre gays em boates GLS de Belém, Pará. *Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, 10., 1-19. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.218>
- Rezende, R. & Cotta, D. (2015). “Não curto afeminado”: homofobia e misoginia em redes geossociais homoafetivas e os novos usos da cidade. *Contemporanea - Revista de Comunicação e Cultura*, 13(2), 348-365. <https://doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v13i2.13860>
- Salvati, M., Pistella, J., Ioverno, S., Giacomantonio, M., & Baiocco, R. (2017). Attitude of Italian gay men and Italian lesbian women towards gay and lesbian gender-typed scenarios. *Sexuality Research and Social Policy*, 15(3), 1-17. <https://doi.org/10.1007/s13178-017-0296-7>
- Sampaio, F. de S. (2016). Rasgados” x/e/ou “ másculos”: as performatividades de paquera entre homens na Pop-ismo. *Revista Periódicus*, 1(5), 272-299. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17192>
- Sánchez, F. J. & Vilain, E. (2012). Straight-acting gays: The relationship between masculine consciousness, anti-effeminacy, and negative gay identity. *Archives of Sexual Behavior*, 41, 111-119. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9912-z>
- Sánchez, F. J., Blas-Lopez, F. J., Martínez-Patiño, M. J., & Vilain, E. (2016). Masculine consciousness and anti-effeminacy among Latino and White gay men. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(1), 54-63. <https://doi.org/10.1037/a0039465>
- Schreiber, J. B., Stage, F. K., King, J., Nora, A., & Barlow, E. A. (2006). Reporting structural equation modeling and confirmatory factor analysis results: A review. *The Journal of Educational Research*, 99(6), 324-337. <https://doi.org/10.3200/joer.99.6.323-338>
- Taywaditep, K. J. (2001). *Marginalization among the marginalized: Gay men’s negative attitudes towards effeminacy* (Doctoral dissertation). University of Illinois, Chicago. https://doi.org/10.1300/j082v42n01_01
- Taywaditep, K. J. (2002). Marginalization among the marginalized: Gay men’s anti-effeminacy attitudes. *Journal of Homosexuality*, 42(1), 1-28. https://doi.org/10.1300/j082v42n01_01
- Wheaton, B., Muthen, B., Alwin, D. F., & Summers, G. (1977). Assessing Reliability and Stability in Panel Models. *Sociological Methodology*, 8(1), 84-136. <https://doi.org/10.2307/270754>

Dados dos autores:

Mozer de Miranda Ramos – Doutorando, Universidade Federal de Sergipe.
Elder Cerqueira-Santos – Pós-Doutor, Universidade Federal de Sergipe.

Endereço para correspondência:

Mozer de Miranda Ramos
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia
Av. Marechal Rondon, s/n, Campus da UFS
49100-000, São Cristóvão, SE, Brasil
E-mail: mozeramos@gmail.com

Recebido em: 06/07/2018.

Aceito em: 26/09/2018.

Publicado em: 05/08/2019.